

## REPRESENTAÇÕES QUE SE CONSTROEM SOBRE OS PROFESSORES E AS ESCOLAS

Maurílio Machi<sup>1</sup>

*Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP)*

*O meu olhar é nítido como um girassol  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo o cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
Eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do mundo...  
Fernando Pessoa (Alberto Caetano)*

Há vários anos venho trabalhando com formação de professores, especialmente, em Prática de Ensino, Curso de Licenciatura em Matemática, mas a disciplina não vem ao caso, no momento, tendo em mira os propósitos aos quais se orientam esta proposta de trabalho. Uma curiosidade sempre esteve presente em minhas divagações, nas análises rigorosas de textos e fatos que levavam em conta atividades relacionadas ao processo educativo que se desencadeiam nas escolas ou instituições de ensino e aprendizagem, nas investigações do imaginário agregado à realidade concreta ou da fantasia. Não significa que, no imaginário, esteja decretada a ausência de rigor, mas que há certo espaço-tempo para a dança do *senso comume* a flacidez de fronteiras. A curiosidade consiste em saber como são vistos os professores e suas práticas dentro, principalmente, assim como fora, dos limites físicos e culturais da escola.

Muito se tem falado e escrito sobre formação e prática docente, produções defendidas por especialistas, pesquisadores, intelectuais de diversas naturezas e filiações partidárias ou filosóficas, frutos, muitas vezes, derivados de pesquisas localizadas ou genéricas demais, além de desvinculadas da realidade ou *locus* do seu acontecer.

O que têm ocorrido, com bastante frequência, são pesquisas enfatizando a memória individual ou coletiva, a história oral dentro deste ou daquele contexto que justifique a busca de fatos ou relatos de um passado remoto ou imediato, principalmente em relação à educação, à vida e às atividades de professoras primárias, a exemplo da tese de doutorado de Ricardo Ribeiro, “*As Professoras de outrora*, contando sobre elas e suas tarefas de ensino, no período de 1925 a 1950”. A situação presente utiliza-se de relatos que não vêm de longe no tempo e a intenção é que permaneçam na memória do homem e que o ajude a construir história; são bem recentes, derivam de observações e

contatos diretos com as personagens-objeto da pesquisa, isto é, os professores que, normalmente, exercem atividades docentes no Ensino Fundamental e Médio, podendo, eventualmente, como caso de exceção, referirem-se a outro grau de trabalho e formação.

Os alunos de licenciatura têm, além das disciplinas específicas do curso escolhido, por força de lei federal estabelecida pelo Ministério da Educação ou de seus órgãos como Conselho Nacional de Educação (CNE), implementada pelos conselhos regionais, isto é, dos estados, disciplinas nas quais, a prática vem coroar, integrando o binômio teoria-prática de forma dialética e, ainda, complementada pelo estágio supervisionado e regência em unidades escolares e locais que guardam estreita relação com a *práxis* do docente.

Atente para o que diz o dispositivo legal sobre a prática:

O segundo problema diz respeito à dissociação entre teoria e prática. Esta dissociação se apresenta em dupla vertente. Em primeiro lugar, na separação entre, de um lado, o ensino das teorias e métodos educacionais e, de outro, a prática concreta das atividades de ensino na sala de aula e do trabalho no coletivo escolar. A dissociação se apresenta também na separação entre o domínio das áreas específicas do conhecimento que deverão ser objeto do processo de ensino-aprendizagem e sua adequação às necessidades e capacidades dos alunos de diferentes faixas etárias e em diferentes fases do percurso escolar.

O relevo atribuído pelo legislador à prática de ensino como elemento articulador do processo de formação dos professores tem como objetivo, exatamente, atingir à necessária integração entre teoria e prática, em ambas as vertentes. De fato, é a prática de ensino desenvolvida na escola, como parte de sua formação profissional, que pode desvelar ao aluno docente problemas pedagógicos concretos, que precisam ser resolvidos no cotidiano do processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no ensino fundamental. O seu enfrentamento objetivo, sob a supervisão da instituição formadora, estimulará o futuro professor a desenvolver reflexão crítica sobre os conteúdos curriculares que ministra e sobre as teorias a que vem se expondo, ao mesmo tempo que suscitará redirecionamentos ou reorganização da atividade pedagógica que vem efetivando (PARECER CNE/CP115/1999, p. 2).

A intenção explícita no Parecer concretiza-se no estágio supervisionado ou nos momentos de regência que, ocasionalmente, acontecem ou são provocados pelo professor responsável, tanto como pela unidade

receptora do estagiário. Nesse momento singular em que o estagiário se encontra, observa, analisa e projeta-se no futuro profissional, ele

aprende a profissão no lugar similar àquele em que vai atuar, porém, numa situação invertida. Isso implica que deve haver coerência entre o que se faz na formação e o que dele se espera como profissional. Além disso, com exceção possível da educação infantil, ele certamente já viveu como aluno a etapa de escolaridade na qual irá atuar como professor. O conceito de simetria invertida ajuda a descrever um aspecto da profissão e da prática de professor, que se refere ao fato de que a experiência como aluno, não apenas nos cursos de formação docente, mas ao longo de toda a sua trajetória escolar, é constitutiva do papel que exercerá futuramente como docente. A compreensão desse fato evidencia a necessidade de que o futuro professor experiencie, como aluno, durante todo o processo de formação, as atitudes, modelos [...] (PARECER CNE/CP 009/2001, p. 30).

Desse contexto, surgiu a ideia de o aluno estagiário utilizar e fazer de seu momento e presença nas salas de aulas um objeto de pesquisa, de modo a analisar as ações do professor titular da disciplina exposta ao estágio, por exemplo, suas relações com os alunos, prática, metodologia, avaliações, além de traçar o perfil deste profissional. Este seria um meio de levá-lo a absorver experiências exitosas e, ao mesmo tempo, de questionar, em tom de reflexões e nas exposições do grupo quando solicitados pelo professor supervisor do estágio, elementos que denunciem uma boa prática docente, assim como, evitar experiências consideradas malsucedidas ou ineficazes. Neste momento, é bom ressaltar que não há exposição de nomes, a fim de preservar a integridade moral do funcionário, conforme os padrões éticos exigidos pela sociedade contextualizada, os quais são regras constantes do Plano de Estágio levadas ao conhecimento dos alunos. Estas regras também fazem parte da documentação aprovada pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) enviada por ocasião da aprovação do Curso.

Do que já fiz referência, o problema em pauta é vislumbrar e detectar como são as representações construídas por estagiários em sala de aula de escolas de ensino básico fundamental e médio, públicas e particulares, ou ambientes nos quais se desenvolvem atividades de ensino e aprendizagem desse mesmo nível. Este artigo deveria ser escrito na primeira pessoa, pois como desenvolvo trabalhos que se prestam à formação de profissionais da educação, mais especificamente, de professores, há a curiosidade e interesse de saber como são vistos estes profissionais no pleno exercício de suas atividades por aqueles que, possivelmente, em breve, estarão em situações iguais ou semelhantes.

A forma de fazer esta pesquisa é a observação direta do trabalho docente, pelo estagiário, em ambientes de ensino e aprendizagem, a fim de

captar impressões mencionadas nas falas ou outras formas de linguagem dos alunos, os procedimentos de ensino, as didáticas e suas transposições, registrando suas observações no relatório, que é entregue ao professor supervisor do estágio para análise e avaliação dos dados. Não resta dúvida de que pesquisas anunciadas em livros e equivalentes, de mesma natureza ou análogas, podem ser utilizadas como fonte de dados de interesse para complementar os resultados a buscar, caso sejam necessários. Darei preferência à voz dos alunos e, portanto, o registro desse trabalho será impessoal, salvo na introdução, momento em que relato o que pretendo.

Em termos de amostragem, posso dizer que, pelo campo de abrangência, uma classe não oferece, quantitativamente, valor suficiente para ousar uma inferência que, pelo menos levando em conta a variabilidade estatística, ofereça resultados dignos de confiança. Isto não parece ser problema que impeça de anunciar as observações dos estagiários, temendo incorrer em falácias e paradoxos, decorrentes de população ou amostras inadequadas. Vários alunos executam o estágio em uma, duas e até três escolas públicas ou particulares em diversos períodos; além disso, procedem de municípios diferentes, nem sempre com proximidade entre eles, o que descaracterizaria como sendo outro local de observação. Os resultados obtidos em outros anos levam a ratificar os enunciados neste artigo.

Pelas razões mencionadas, acredito que os resultados advindos da pesquisa sejam anunciados como leitura coerente da realidade escolar e que garanta um juízo de valor significativo como representação dessa mesma realidade. Obviamente, como representação, não é verdadeira e nem falsa, mas procura descrever de modo a buscar uma aproximação dos fatos como no desejo de Maomé interpelando Alá (al-lah): “Senhor, mostre-me a realidade como ela é”<sup>2</sup>.

## DAS FALAS, DOS RELATOS E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS

Houve sempre uma expectativa quando se fazia referência ao trabalho do professor, como profissional docente ou como cidadão comum, integrante do nosso dia-a-dia. Hoje essa expectativa começa a esmaecer em virtude de muitas variáveis, que não serão questionadas, neste momento, mas muito se espera de sua ação transformadora e com potencial de modificar a realidade. Torna-se muito difícil dizer quando um professor é bom ou não, no entanto quase todos os alunos esperam grandes feitos desse profissional. Nesse sentido, tem-se um grande aliado em Otte (1993, p.133):

[...] partimos do fato simples, porém fundamental, de que o professor primordialmente não atua sobre seus alunos pelo que ele **faz**, mas pelo que ele **é**. Não são as ações, ordens e palavras isoladas do professor que são decisivas; importante sobretudo é o espírito e a credibilidade que ele irradia. O professor atua em

primeira linha por obra de sua própria vida intelectual. O professor é, por assim dizer, um „intelectual exemplar” na sociedade. Seus alunos só serão motivados e eficazmente orientados quando aquilo que ele ensina é uma motivação para ele próprio. Quando ele “acredita” e está convencido do significado e da importância para si próprio do conhecimento que proporciona.

Não há a pretensão de Maomé mostrar uma fotografia ou uma reprodução nos moldes da arte naturalista, mas os relatos que seguem procuram ser fiéis aos acontecimentos vistos e vividos nas salas de aula de diversas escolas. As críticas que, porventura, brotarem neste transcorrer de acontecimentos direcionar-se-ão mais no sentido de uma reflexão que procura auxílio da consciência e do senso filosófico. Não serão alterados os relatos contidos nos relatórios de estágio.

A estrutura do Relatório de Estágio compõe-se de identificação, objetivos, conteúdo, avaliação, autoavaliação e conclusão<sup>3</sup>. Dar-se-á relevância à avaliação, autoavaliação e conclusão, nas quais os alunos enunciam suas observações e expressam suas visões acerca da realidade da ação docente, da estrutura didática e, às vezes, física das escolas, além de outras. Em muitos momentos as falas serão longas, mas serão assim mesmo reproduzidas, para não se perder o teor da mesma; optou-se para a formatação em tela para não se ter um texto muito recortado por longas citações a dar uma aparência desagradável.

Quanto aos objetivos do estágio, ressalta-se que houve, praticamente, unanimidade nos dizeres dos alunos, pois se falou dos mesmos durante o curso, na apresentação do Plano de Ensino, mas procurou-se dar liberdade aos alunos para relatarem suas visões, pontos de vista e significados, de forma a implementar e ratificar os objetivos explícitos nos documentos legais, das diversas instâncias. Vale à pena tomar conhecimento de algumas citações:

O objetivo do estágio é que o futuro professor conheça na prática tudo que se refere a sua futura profissão, conhecendo o desenvolvimento de uma aula, os métodos de transmissão dos conteúdos, os métodos de domínio com os alunos na questão de respeito e educação, o que hoje está muito difícil para os professores que tentam que suas aulas tenham qualidade e rendimento, mas lutam contra uma maioria de alunos que não estão interessados. Portanto, essa realidade é muito importante para o formando que escolheu para sua vida ser um educador.<sup>4</sup>

Na citação acima, há preocupação com a prática docente, com o aprendizado, e é mister transmitir esse conhecimento e o local de estágio, ou seja, a escola como lugar da prática, pois tem um significado profundo. Além

destas, existe o cuidado com a adequação do local onde a prática será desenvolvida, com a disposição (interesse) das pessoas para ouvir (aprender) e com o professor em relação à sua maneira de agir naquele momento, que de certa forma, apresenta-se como mágico e dotado de grande valor, pois vem coroar um período, normalmente, de quatro anos de curso, de estudo, de expectativas nem sempre otimistas, mas bastante esperançosas.

A citação mostra, ainda, a pureza das palavras, sem o contágio das imposições semânticas, quando o autor utiliza, por exemplo, termos como “desinteresse ou falta de interesse” *dos alunos*. No discurso pedagógico oficial, em voga, esses e outros termos foram, *injusta e propositalmente*, depositados no lixo em troca de outros de mesmo valor ou equivalentes, mas com profundo teor ideológico, tachados por “especialistas”, visando a outros *interesses*, também por sua falta de interesse nos assuntos da educação. A palavra, como signo, de fato, é dotada de grande poder, por essa razão deve-se estar sempre atento para o contexto no qual está sendo empregada, quem a profere e para quem se faz veículo de informação.

No seguinte relato a prática é evidenciada:

A realização do estágio é muito importante para que o aluno concluinte do curso de Licenciatura possa associar toda a teoria que foi estudada com a prática que acontece em sala de aula. Ao participar das atividades diárias da escola o futuro professor terá condições de analisar atentamente as práticas pedagógicas atuantes no sistema de ensino, podendo ele, ao atuar como professor, ter condições de melhor desenvolver o seu trabalho para a formação de seus alunos.<sup>5</sup>

[...] oportunidade de conhecimento dos procedimentos práticos de ensino realizados em sala de aula; condições de tomar conhecimento e conscientizar-se do importante papel do professor não só diante dos alunos, mas em perfeita integração com a sociedade; condições de ministrar aulas em sala, de preferência, nas situações idênticas às que irão encontrar no decorrer das atividades profissionais.<sup>6</sup>

De modo geral, os estagiários têm noção do que é um objetivo. Eles enunciam seus objetivos de formas diferentes, mas com o mesmo teor. Para utilizar um conceito da filosofia grega, pode-se dizer que os enunciados diferem na forma, mas têm o mesmo conteúdo.

O relato da aluna Andressa acrescenta algo bastante significativo: “Portanto, essa realidade é muito importante para o formando que escolheu para sua vida ser um educador”. Ela não diz que o formando escolheu o local de trabalho para acertar suas economias, para poder adquirir isto ou aquilo de valor material – claro que isto tem valor, também; – a aluna afirma que ele escolheu trabalhar em sala de aula *para sua vida*, sua totalidade como ser humano.

Em relação à avaliação, que o aluno faz do estágio, eis o que diz a aluna:

O estágio é de grande valia, para aproximar o graduando com a profissão que escolheu. Faz, também, com que vejamos as diferentes maneiras de comportamento e didática dos professores e também o comportamento dos alunos durante a rotina diária e sua sala de aula, tanto na rede pública como na privada. Hoje a educação foi banalizada; em algumas aulas assisti alguns alunos que não se interessavam pelo que o professor tinha a lhes oferecer, acabando até tumultuando a aula, causando problemas aos interessados.<sup>7</sup>

A citação evidencia uma relativa preocupação da aluna no que se refere ao seu futuro, com o seu local de trabalho, com os alunos que terá de acolher ou mesmo “enfrentar”. Ela parece ter consciência do trabalho do professor, da profissão que escolheu.

Para Luciana,

O estágio foi muito importante, pois através dele pude trocar muitas experiências, pude observar a unidade escolar como um todo e percebi que não é como eu esperava. Os alunos não querem mais aprender, não respeitam funcionários, professores e muitas vezes os pais, não param quietos, pulam o muro para passearem no jardim, sujam a escola, entre outros. [...], a falta de apoio dentro e fora da escola, a indisciplina, a falta de materiais pedagógicos diferenciados, falta de preparação para lidar com a diversidade dos alunos. Vi que alguns professores não ensinam como deveriam, pedem para os alunos passarem na lousa o conteúdo, até tentam explicar, mas não exigem silêncio e atenção da sala. [...] já outros professores gostam de estar preparando bem suas aulas, diversificando-as, tentando trazer o conteúdo para a realidade do aluno e deixando a aula prazerosa [...]. Um outro problema que pude observar é falta da presença dos pais na vida escolar dos filhos.<sup>8</sup>

Nesse sentido a aluna ganha um reforço nada menos do que Gadotti (2003 p. 222): “Por isso [...] as famílias precisam ir às escolas para ver em que condições seus filhos „estudam”. Em muitas delas é um milagre que ainda se aprenda alguma coisa”.

Muitas vezes a falta de criatividade e a crença de que a escola pública é ineficiente em relação às escolas particulares, tendo em vista seus aparatos didáticos, qualificação de professores e outras fantasias introduzidas pela mídia, além do discurso ideológico, fazem o professor da escola pública negar sua

própria capacidade de atuação como profissional. Em vista disso, este estagiário adere aos conchavos das *concorrentes*, utilizando-se de artifícios parecidos, não percebendo que não é o conteúdo que determina a forma, são as posturas que buscam resultados diferentes. Enquanto a escola pública procura formar o homem integral, como cidadão, a particular, quase sempre, não é regra, encaminha os alunos para uma via mais rápida, em busca do ensino superior. Daí para frente as histórias são diferentes e não cabe aqui persegui-las. Como exemplo dessa realidade, observam-se os inúmeros relatos dos alunos: “o conteúdo visto é o do livro didático adotado, mas alguns professores aprofundam mais com livros de escolas particulares”.<sup>9</sup>

Como o relatório é, relativamente, pouco extenso, muitas vezes os estagiários querem falar de tudo que viram e acabam “embolando o meio de campo”, falando de muitos temas ao mesmo tempo, sem explicitarem seu centro de interesse imediato. Entretanto, de modo geral, há certa identidade nos relatos apresentados. Neste momento, é importante reforçar que o objetivo deste trabalho é mais apresentar do que discutir a visão do estagiário em seu futuro local de atividades docentes. A discussão sobre os relatos é de suma importância e deveria ser considerada em outro momento, pois mostra a escola sem disfarce, nua e crua, pelo menos na visão dos estagiários, que não deve ser descartada, pois passaram um tempo relativamente longo em contato com as escolas, interessados com seu funcionamento.

No relatório de outra aluna observa-se:

Através do estágio percebi muitas coisas que até então desconhecia, coisas estas, boas e ruins. Presenciei: professores dedicados, alunos interessados; relação professor/aluno boa. Professores autoritários; uso do livro didático como bíblia; desinteresse dos alunos.<sup>10</sup>

Os fragmentos do relato, a seguir, esdarecem um pouco mais:

[...] mantida pelo governo do Estado de São Paulo [...] 15 salas de aulas, atendendo no total 1417 alunos no período da manhã, tarde e noite, [...] possui sala de vídeo, sala de informática, de jogos, entre outras, possuindo, assim, toda estrutura básica para que o processo ensino-aprendizagem ocorra. [...] no período diurno são alunos que não trabalham podendo ter mais dedicação aos estudos, pertencem a um nível sócio-econômico privilegiado, no período noturno são alunos trabalhadores, de famílias mais carentes. Pude observar, desde a quinta ao terceiro “colegial” independente da classe econômica, em sua maioria, não estão muito preocupados com o que a escola tem a lhes oferecer, as salas são quase todas lotadas, alguns professores parecem

não se esforçar muito para melhorar a qualidade das aulas, não utilizam recursos áudios-visuais, nem outros materiais didáticos disponíveis, em sua maioria utilizam apenas lousa, giz e o livro adotado. [...] existem aqueles que parecem se esforçar para melhorar as aulas, sempre buscando a disciplina e atenção dos alunos no decorrer das aulas.<sup>11</sup>

Embora numerosos, os relatos apresentam muito em comum, por isso procurou-se realçar aqueles que reforçam as opiniões mais constantes ou que denunciem fatos, por si só, relevantes. Enunciar a todos seria praticamente impossível, além de desnecessário e enfadonho.

A visão do estagiário como participante nas escolas também faz com que ele pense nessa imbricação, nessa inter-relação com seus possíveis futuros alunos e nos professores das escolas como seus futuros companheiros. Esse olhar e a reflexão advinda do mesmo, no relatório, denominam-se autoavaliação. O aluno julgando a si mesmo, seu envolvimento com a escola, a classe, os alunos, os professores e os demais setores da unidade, se bem que a ênfase recai, quase sempre, sobre as atividades em sala de aula, suas variações ou equivalências didáticas. Alguns relatos sobre autoavaliação e sobre esse envolvimento são significativos:

O estágio acrescentou-me experiências indispensáveis de como ser uma educadora competente. Aproveitei as boas aulas que presenciei e aprendi com as aulas não tão boas assim, para não cometer os mesmos erros. Conheci profissionais exemplares que me deram muitos estímulos para a boa realização desta profissão.<sup>12</sup>

Posso dizer que fazer estágio foi uma das melhores experiências de minha vida. Ao fazer o estágio presenciei diversas situações constrangedoras, situações que deixam o professor de “saia-justa” e com isso aprendia enfrentá-las

Vi também que “Ser Professor” é algo muito mais do que ensinar os conteúdos básicos; em inúmeras situações o professor acaba tendo que ceder de ensinar a matéria para ensinar outras coisas; ensinar, inclusive, alguns alunos a ter respeito, pois muitos não têm isto em casa e acabam tendo que aprender na escola. Acho que eu me comportei bem como “aprendiz de professor”.<sup>13</sup>

É incomum as escolas atentarem para o conhecimento e prática dos norteamentos constantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, ainda mais, no âmbito destes, os temas transversais, que fazem o papel de argamassa, de ligação dos conteúdos considerados tradicionais, a impedir que estes caminhem em total isolamento e, que seus condutores, os professores ou outros

profissionais da educação, não assumam compromissos de integração dos conhecimentos, no intuito de se construir uma totalidade dinâmica e dialética. É esta a “reclamação” da aluna Ariane no relato acima: “tendo que ceder de ensinar a matéria para ensinar outras coisas”.

Os estagiários, mesmo tendo estudado as matérias ditas “pedagógicas”, chamadas assim impropriamente, não assimilam em sua totalidade as teorias e os conceitos que lhes dão sustentação. Assim, eles se utilizam de uma linguagem mais pura, mais *sensu comum*, sem grandes contaminações com a verborragia sistematizada pelo discurso “oficial” contido nas falas ou nos escritos dos intelectuais. Muitos deles atuam compenetrados com seu trabalho de pesquisa, outros nem tanto, perseguem apenas a superfície dos questionamentos, porque não conseguem mergulhar nas profundidades onde residem os prováveis problemas que redamam por soluções ou, pelo menos, formulações de hipóteses. Por exemplo, eles utilizam o verbo „ensinar” sem se preocuparem com as conotações assumidas, nos últimos tempos, com as diversas teorias, querendo, com isso, significar as trocas efetuadas entre professores e alunos, um momento singular de enfrentamento, no qual se busca a exposição do mundo, da realidade e juntos procuram compreendê-la.

Neste artigo não se pretende fazer uma análise da conveniência ou não da postura dos estagiários. Observa-se que há grande dose de expectativa, de esperança e vontade de “enfrentar” (palavra de uma das alunas) a realidade, não como se fosse uma batalha de vida ou morte, mas considerando que existe uma tarefa nada fácil pela frente e que a mesma é realizável.

## CONSIDERAÇÕES QUE NÃO PODEM SER FINAIS

Não foi possível – possível é, mas não se deve, para não ser prolixo - relatar neste artigo todos os depoimentos de todos os alunos, muitas falas foram postergadas porque algumas se repetem, embora acrescentem algo que possui significado, mas podem-se fazer inferências em virtude dos encaminhamentos das falas enunciadas.

A forma de ver e pensar as visões e experiências dos alunos durante o período do estágio tem muito em comum, não pelo fato de passarem quatro anos juntos, ouvindo os mesmos professores, estudando as mesmas teorias e lendo praticamente as mesmas coisas. Claro que, em parte, isso é real, mas nota-se que os relatos são únicos e retratam a vivência de cada um e que, mesmo sendo diferentes física e geograficamente, apresentam-se dialeticamente identidade nas diferenças.

Pela leitura dos relatórios, percebe-se que cada estagiário preocupou-se em tecer, individualmente, sua experiência, pois um não é cópia disfarçada do outro, ou seja, não houve o “dar uma mãozinha” para o colega algo parecido. Por essa razão, as falas dos alunos formam um leque de opiniões – não no sentido grego de *doxa* – digno de se levar em conta para *reflexões* de quem se atem e se propõe pensar na e sobre a educação como acontece e como “deveria” acontecer.

Em linhas gerais, observa-se, nas falas dos alunos, certa preocupação com a atuação do professor, provavelmente seu futuro companheiro de luta, sua didática, seu envolvimento com as questões educacionais, procedimentos de trabalho, relacionamento dentro das escolas, além do envolvimento ou “desinteresse” dos alunos das escolas, tanto estaduais como particulares.

A relação professor-aluno está desgastada, não havendo respeito de ambas as partes. Alguns professores não conseguem se impor na sala de aula e são praticamente humilhados com diversas atitudes desrespeitosas. [...] talvez a falta de participação dos pais agrave ainda mais esse problema. [...] também pude trocar experiências que resultaram no aumento dos meus conhecimentos. [...] cheguei a conclusão de que o ensino precisa, urgentemente, de melhorias. É preciso apoio da unidade escolar como do governo, mas além disso os professores precisam ter um objetivo em mente, proporciona ao aluno uma qualidade de ensino [...].<sup>14</sup>

Há sempre uma esperança, e isso parece estar presente na maioria dos relatos, como esse:

Conseguí tirar proveito de tudo. Pois, até o pior professor tem alguma coisa boa a nos ensinar, porque ninguém é 100% ruim ou bom. Portanto, é preciso seguir os bons exemplos e não desanimar nunca.<sup>15</sup>  
Apesar das dificuldades encontradas pelo profissional da educação, gostei bastante desta experiência, gosto e sempre gostei do contato com outras pessoas, principalmente com crianças e adolescentes. Estou bastante animada para o ingresso na profissão.<sup>16</sup>

Em nenhum momento das análises dos relatos, percebem-se referências ao salário do professor ou ao financeiro como motivação para o ingresso na profissão. Em todos, há consciência de é um profissional pouco remunerado e que a disposição dos responsáveis (dos alunos?) é diminuta ou ideologicamente comandada.

A metodologia, processo de ensino para que haja aprendizagem, também é preocupação dos estagiários: “O método utilizado pelos professores na explicação e na aplicação dos conteúdos faz com que os alunos assimilem com maior facilidade. A maneira de o professor ensinar, utilizando a linguagem informal junto com a formal faz o aluno se sentir à vontade [...]”.<sup>17</sup>

Alguns alunos elaboraram relatos específicos para esta pesquisa, além dos relatórios de natureza obrigatória por força de legislação do estágio, por isso acredita-se que fragmentos ou a totalidade desses relatos possam dar o fechamento provisório, mas necessário ao trabalho.

Outro fato que observei e que me surpreendeu bastante é que o professor efetivo falta muitas vezes e por esse motivo os professores substitutos são requisitados. [...] Quando um professor falta ao seu trabalho quem perde é a sociedade. O conceito de bom professor tem mudado hoje, bom professor não é mais aquele que passa aos seus alunos conhecimentos suficientes para continuarem em sua jornada, mas sim aquele que consegue manter a disciplina, na sala de aula; essa indagação não diz respeito apenas às escolas públicas, mas também às particulares. A educação no Brasil passa por grave crise. Ouvi muitas críticas direcionadas aos alunos ao longo do período em que passei estagiando, mas será que a culpa é unicamente do aluno? E o professor, será que tem cumprido seu compromisso com a sociedade?<sup>18</sup>

Ocorre também que alguns professores dominam o conteúdo, mas não tem a prática e a metodologia eficaz, não consegue despertar o interesse do aluno e, nem mesmo, fazer com que este o respeite e se respeite. Há casos também de professores que são elogiados pelos alunos, mas estes alunos, na verdade, estão sendo enganados, porque esse professor transfere o conteúdo a ser ensinado de forma falha e pouco aproveitável, assim não fazendo que o aluno precise pensar ou mesmo estudar, aplicam-se provas onde todos conseguem notas altas e assim dá a sensação de que todos aprenderam, mas na verdade o conteúdo e a avaliação foram uma forma de passar o tempo e este não ter problemas e preocupações. Contudo vejo que a maioria dos profissionais tem vontade de ensinar e muitas vezes são desencorajados pelos próprios colegas.<sup>19</sup>

Quando o aluno estagiário se refere à avaliação e às notas altas, está fazendo menção aos alunos do ensino fundamental e médio. Isso ocorre porque, mesmo com a progressão continuada, ainda permanecem resquícios de que uma boa nota realça a condição do aluno perante a classe, a escola e, em consequência, perante os pais, que terão a satisfação reforçada. Mesmo assim, parece que a prática enunciada pelo estagiário continua sendo bastante comum.

As palavras do aluno Vitor Francisco Avian vêm, praticamente, concluir este artigo:

Durante todo meu período de formação a constatação que fiz em termos de professores é que a maior parte dos profissionais não tem, em atuação, a consciência que as atividades por eles desenvolvidas devem ser significativas ao aprendizado e que toda a sua prática deve estar atrelada a um conhecimento didático-pedagógico que permita gozar de um bem estar durante

o seu trabalho, tendo a certeza dos objetivos que pretende alcançar e quais as ferramentas e estratégias que irá usar. É claro que vale várias ressalvas, pois tive professores conscientes de seu papel e que através de sua atuação, interessei-me pela profissão que tenho hoje, que ironicamente é a de professor; confesso que para chegar ao nível de muitos profissionais que passaram pela minha vida ainda me falta muito, mas o primordial, creio que possuo o compromisso, a consciência da realidade que tenho em mãos e a dedicação ao que me propus a fazer. O mais utópico dos pensamentos pode conter em sua essência a chave para transformar a realidade.<sup>20</sup>

Com base nas conversas ocorridas durante as aulas no curso de licenciatura, observa-se que o relato do estagiário Vitor apresenta uma abrangência além do ensino fundamental e médio, envolvendo até seus professores do ensino superior. A maioria de suas análises refere-se aos seus momentos de estágio nas escolas de educação básica. Como exemplo de raridade hoje, Vitor é Professor de Educação Básica (PEB I), que quando existia, em número razoável, embora nunca tenha sido grande esse número, chamava-se professor primário.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação e Políticas Públicas pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio Mesquita Filho' (UNESP).

<sup>2</sup> De leituras de fragmentos, sem possibilidade de indicação de fonte; sendo ou não da procedência indicada, oferece-nos uma comparação significativa.

<sup>3</sup> Os objetivos especulam sobre o que significa para ele, o aluno, fazer o estágio; a avaliação versa sobre a opinião que o aluno estagiário tem sobre o estágio, seu desenvolvimento, as atividades desenvolvidas; se estas foram ou não interessantes, úteis para ele como exemplo de prática docente. A auto-avaliação é a opinião do aluno sobre sua participação como agente atual e futuro da prática docente.

<sup>4</sup> Relato da aluna Andressa Sampaio.

<sup>5</sup> Relato da aluna Dalila Maria da Cruz Oliva.

<sup>6</sup> Relato da aluna Fernanda Saeme Martines Matsunaga.

<sup>7</sup> Relato da aluna Gisele Andréa Silva Souza.

<sup>8</sup> Relato da aluna Luciana Carla Francisco Rosa.

<sup>9</sup> Relato da aluna Edilene Pedro Iaiati.

<sup>10</sup> Relato da aluna Ana Maria Andrade da Silva.

<sup>11</sup> Relato da aluna Dalila Maria da Cruz Oliva.

<sup>12</sup> Relato da aluna Michelli Regina Martins.

<sup>13</sup> Relato da aluna Ariane dos Santos Corrêa.

<sup>14</sup> Relato do aluno Thiago Rodrigues de Aguilá Regitan.

<sup>15</sup> Relato da aluna Ana Maria Andrade da Silva.

<sup>16</sup> Relato da aluna Jaqueline Carla da Silva.

---

<sup>17</sup> Relato do aluno Fernando Aparecido de Oliveira Tomazini.

<sup>18</sup> Relato da aluna Lucila Rossatto.

<sup>19</sup> Relato do aluno Luiz Henrique Inignes Divieso.

<sup>20</sup> Relato do aluno Vitor Francisco Avian.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. *A filosofia no ensino médio*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

BLANCHI, A. C. de Moraes; ALVARENGA, Marina; BLANCHI, Roberto. *Manual de orientação, estágio supervisionado*. São Paulo: Pioneira, 2001.

BRANDÃO, Carlos da F. *LDB passo a passo*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº. 9.394/96, comentada e interpretada. São Paulo: Avercamp, 2006.

\_\_\_\_\_. *PNE passo a passo*. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Média Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, Ensino Médio, bases legais*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CP n. 115 de 10/08/1999, *que cria os Institutos Superiores de Educação e restringe a formação de professores ao curso Normal Superior*. Diário Oficial da União de 06/09/1999

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CP n. 009 de 08/05/2001, *estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. Diário Oficial da União de 18/1/2002, Seção 1, p. 31.

CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Sumus, 1980.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexão sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, 1990.

GADOTTI, Moacir. Por que progressão continuada? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 84, n. 206/207/208, jan./dez. 2003.

GOERGEN, Pedro; SAVIANI, Demerval (Org.). *Formação de professores a experiência internacional sob o olhar brasileiro*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

JAEGER, Werner. *Paidéia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACHADO, N. José. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

OTTE, Michael. *O formal, o social e o subjetivo* uma introdução à filosofia e à didática da matemática. São Paulo: UNESP, 1993.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. *A Prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

PORTO, Leonardo S. *Filosofia da educação*. Filosofia passo-a-passo 62. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REIS FILHO, Casemiro dos. *A educação e a ilusão liberal: origens da escola pública paulista*. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

RIBEIRO, Ricardo. *As professoras de outrora* escola primária paulista– 1925 a 1950. Tese (doutorado) - FEUSP, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

WEBER, Silke. *Como e onde formar professores: espaços em confronto*. Educação e Sociedade. Campinas, *Cedes*, v. 21, n. 70, p. 129-155, abr. 2000.

